**ANTONIO CANDIDO: *PRIMUS INTER PARES (\*)***

Fabio de Sousa Coutinho

1. O FUNDAMENTO DA CELEBRAÇÃO:

Qual é o verdadeiro sentido da comemoração de uma efeméride, quando ela diz respeito a uma pessoa e, mais ainda, a um ser até muito recentemente presente entre nós?

Para os humanistas, a celebração do aniversário de alguém deve, necessariamente, constituir um momento de reflexão sobre o que a vida do homenageado representa em termos de dedicação à causa da justiça social, à afirmação das liberdades reais, ao fortalecimento dos legítimos valores da nacionalidade, ao engrandecimento cultural do povo de seu país e à defesa incontrastável da cidadania como fonte universal de participação no poder e nos destinos de uma nação.

Pois bem: esta fala na Academia Mineira de Letras pretende homenagear, com a admiração e o júbilo próprios de um discípulo saudoso e respeitoso, a trajetória pessoal, profissional e literária de um brasileiro modelar que passou para a eternidade em 12 de maio de 2017, aos 98 anos de idade, e que teria completado 100 anos em 24 de julho de 2018. Refiro-me, evidentemente, a Antonio Candido de Mello e Souza, professor, escritor, pensador e, acima de tudo, militante democrata que conferiu um toque de seriedade absoluta a uma atividade produtiva em que a qualidade científica, o rigor acadêmico e a precisão de conteúdo se aliaram a uma profusão capaz de surpreender e fazer pasmar o mais cético dos observadores do movimento editorial de nossa terra.

1. A CARREIRA ACADÊMICA:

Antonio Candido lecionou na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo durante quase quatro décadas (de 1942 a 1978), não tendo descuidado, por um dia sequer, de participar da vida que segue fora dos limites acadêmicos, nos quais uma tendência à acomodação é notória em todos os quadrantes do mundo. Mestre irrepreensível, galgou diversas etapas até atingir a titularidade, tendo requerido sua aposentadoria em episódio, de cunho eminentemente político, que traz a marca da personalidade de um homem que sempre soube colocar os supremos valores da consciência acima de conveniências de natureza material e burguesa, não fazendo concessões de qualquer espécie aos atrativos da burocracia.

Professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis (SP), atualmente integrada na Universidade Estadual Paulista, sua atuação naquela prestigiosa instituição é reverenciada por quantos ali passaram, constituindo suas aulas autênticos monumentos de formação de brasileiros conscientes e consequentes, gente que, ao vê-lo e ouvi-lo, podia ter a certeza de que a existência merece ser encarada como um bem precioso demais para ser desperdiçado com questões que não passam pelo fortalecimento do homem como indivíduo na sua espécie e pessoa no conjunto da sociedade.

Na conclusão de *O Direito à Liberdade*, ensaio originalmente escrito para uma palestra no curso organizado em 1988 pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e, posteriormente, publicado em *Vários Escritos*, Antonio Candido afirmou: “Portanto, a luta por direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura”. Tal consciência, da luta por direitos e contra a desigualdade social, esteve presente em toda a sua trajetória intelectual, o que procuro evidenciar na etapa imediatamente seguinte desta apresentação.

1. O INTELECTUAL ENGAJADO:

Como sociólogo, crítico e historiador literário, Antonio Candido levou ao paroxismo sua postura de intelectual engajado, de pensador sempre atualizado, de cidadão permanentemente ocupado e preocupado com os problemas estruturais que a humanidade deve enfrentar e superar para libertar-se inteiramente e poder realizar a felicidade completa, a utopia.

A leitura de apenas algumas de suas dezenas de obras seria suficiente para ajudar na compreensão dos incontáveis tropeços conjunturais e retrocessos institucionais por que passou, passa e, previsivelmente, ainda vai passar, o processo civilizatório brasileiro. Com efeito, *Formação da Literatura Brasileira* (Momentos decisivos 1750-1880), de 1959, *Literatura e Sociedade*: *Estudos de teoria e história* literária, de 1965, e *Um Funcionário da Monarquia*: *ensaio sobre* *o Segundo Escalão*, de2002, se impõem como primorosos exemplares da mais perfeita e acabada investigação literária, histórica e sociológica desenvolvida em nosso país, com vistas à compreensão dos graves e hereditários problemas nacionais.

*Formação da Literatura Brasileira* é amplamente considerado, pela crítica especializada, um dos seis livros fundadores da reflexão da intelectualidade pátria sobre sua própria identidade. A despeito da diferença de objetos e fundamentos teóricos, o livro estaria emparelhado com *Casa Grande* e *Senzala,* de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil,* de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil Contemporâneo,* de Caio Prado Júnior, *Os donos do poder,* de Raymundo Faoro, e *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira,* de Oliveira Lima.

Por tudo o que fez, pensou e escreveu em vida, Antonio Candido quase chegou aos cem anos ombreando com outros grandes brasileiros de sua geração que, tendo atingido idade tão significativa, igualmente se revelaram, em todos os momentos, de inabalável honestidade intelectual e política. E, quando faço tal afirmativa, estou a pensar, por exemplo, num Oscar Niemeyer, num Evaristo de Moraes Filho, num José Mindlin, num Goffredo Telles Júnior, num Fernando Bastos de Ávila, num Barbosa Lima Sobrinho.

No depoimento insuspeito de seu aluno Fernando Henrique Cardoso, o único que, por enquanto, chegou à Presidência da República, Antonio Candido “dava inveja e admiração”. Não necessariamente reconhecido pela modéstia de seus autojulgamentos, Fernando Henrique chegou a afirmar, num texto de incontida veneração por seu professor de Sociologia, que “nunca serei capaz de tanta limpidez, elegância e erudição.”

E vai além, no capítulo intitulado *Um ex-aluno,* do livro *Pensadores que inventaram o Brasil:* “[Antonio Candido] Conta histórias, faz humor, é irônico, ensina, enfim, homem de salão, só que à moda moderna, com naturalidade, sem nenhum pedantismo. (...) E benquisto era o esplêndido professor. De avental branco – impecável – como os professores de Sociologia usavam na época, Candido, sempre discreto e charmoso, deslocava-se rápido pelos corredores para a sala de aula. Cortês e algo distante – quase formal –, explicava com clareza a barafunda sociológica que nos deixava fascinados e atônitos”.

1. CONCLUSÃO:

O espaço generosamente aberto pela Academia Mineira de Letras para esta sessão de reverência ao centenário de nascimento de Antonio Candido permite que se perpetue, ainda que singelamente, o registro de uma rara trajetória existencial, na qual, pela prática incondicional das virtudes da integridade, da lealdade, da honradez, do respeito, da solidariedade, do patriotismo e do pensamento integrado à ação, um brasileiro ímpar dignificou o permanente combate democrático e, em última análise, a própria condição humana.

Muito obrigado.

(\*) Palestra proferida na Academia Mineira de Letras, na cidade de Belo Horizonte, MG, em 20.11.2018, em comemoração ao centenário de nascimento de Antonio Candido de Mello e Souza